

# Itália examina como ampliar aplicações

por Ivana Doro  
de Milão

(Continuação da página 10)

tanto com os mercados internacionais quanto com as sofisticadas práticas de *investment banking* — resultado do protecionismo que caracterizou as atividades do setor até poucos anos atrás.

Esses são, sem dúvida, dois dos motivos do reduzido nível de atividade dos italianos no tocante à conversão da dívida brasileira em investimentos, embora todos os institutos consultados considerem o esquema interessante.

## CONTATO

“Trata-se de uma possibilidade muito atraente. Já estamos em contato com um punhado de empresas italianas — em especial do setor têxtil — que possuem interesses no Brasil e querem aumentar seus capitais”, diz, por exemplo, Roberto Volpato, funcionário do Departamento de Finanças Internacionais do Banco de Crédito Italiano (Cre-

dit), acrescentando que deveria participar do seminário sobre conversão, em Londres, realizado por este jornal, “de modo a colher dados para melhor avaliar as oportunidades”.

O banco — 5º no *ranking* italiano e credor do Brasil em cerca de US\$ 50 milhões — não pode adquirir participações em empresas industriais por ser um banco de interesse nacional (BIN), explica o executivo. O estatuto dos três BIN — controlados pelo Istituto per la Ricostruzione Industriale (IRI), a maior *holding* estatal italiana — só lhes permite participar do capital de companhias financeiras. “Mas a modificação dessa norma não está descartada a priori”, ressalva.

Os porta-vozes dos outros dois BIN — Banca Commerciale Italiana (Comit), 2º no *ranking*, e Banca di Roma, 7º maior instituto do país, ambos credores do Brasil — limitaram-se a informar que a possibilidade de servir-se da conversão da dívida em investimento está sendo analisada.